

Certa obsessão histórica marca abordagens jurídicas e historiográficas para com o legado grego, principalmente em âmbito de direito público, notadamente em questões referentes à democracia e às liberdades civis. Textos de tesoura e cola¹ informam manuais de direito, indicando o espaço democrático como natural resultado da evolução da experiência grega. Cuida-se de transformação da narrativa história em obra de ficção², com fins determinados. É que o conhecimento é conhecimento para algum fim. A validade do conhecimento depende da validade do propósito.³ O pretérito radica no hoje. Cada presente tem o seu passado, cada presente reescreve a história.⁴ Relatos e referências são formações discursivas⁵, dada até a infinita diversidade de testemunhos históricos⁶, apropriados por todas as tendências, que variam do conservadorismo liberal-burguês a projeto prospectivo que busca a constituição de novo tipo de homem, com sabor frankfurtiano.⁷ Narrativas centram-se em nichos imaginários, a exemplo do uso de Plutarco na concepção de arquétipos humanos simpatizantes no mundo clássico. É disso que trata o presente artigo.

Plutarco (século II, d.C) nasceu em Queroneia, Beócia, região de camponeses pouco ilustrados, justificando o adjetivo “beócio”, aplicado aos mais rústicos e menos cultos. Teria visitado Alexandria, Roma, partes da Grécia e da Itália. Criador do gênero biográfico, comparou varões gregos e romanos, em “Vidas Paralelas”, obra emblemática na tradição ocidental. Biografou os grandes da antigüidade, entre outros, Teseu, Rômulo, Licurgo, Sólon, Péricles, Alcibíades, Catão, Pirro, Mário, Lisandro, Sila, Demóstenes, Cícero, Antônio, Pompeu, Alexandre, César, Tibério e Caio Graco. Encanta, delicia, envolve, cativa o leitor. Dá ênfase ao exemplo moral, à virtude, ao bom comportamento. Não abre mão de uma pilhéria, de uma anedota; é um escritor memorável.

Deixou também opúsculos de cunho moralizante, as “Moralia”, que teriam influenciado Michel de Montaigne, na composição de seus “Ensaio”.⁸ Embora Plutarco pouco dominasse o latim, os excertos das “Moralia” são conhecidos pelos títulos latinos. Tratam de temas variados como “Conselhos aos casais” (*Conjugalia praecepta*), “Como distinguir entre um adulator e um amigo” (*Quomodo adulator ab amico internoscatur*), “Sobre a bisbilhotice” (*De curiositate*), “Sobre a tagarelice” (*De garrulitate*), “Como refrear a ira” (*De cohibenda ira*), “Sobre a superstição” (*De superstitione*).

Desenhou helenos virtuosos, campeões, paladinos. Comparou gregos e romanos, acentuando a grandiosidade de ambos, mas não escondendo favoritismo para com áticos. Na opinião de Augusto Mancini,

*“Como não é um filósofo, Plutarco também não é e não pretende ser um historiador. A biografia, que ele cultivava, em regra não tem fundo histórico do autor; é nela acentuada a finalidade ética, com uma certa influência do estudo peripatético dos caracteres, o que por vezes reduz grandes figuras a um denominador comum”.*⁹

Certo histrionismo marca o gênero biográfico de Plutarco. Valeu-se de riquíssimas fontes, hoje perdidas, como testemunha C.M. Bowra, estudioso da cultura grega:

*(...) Plutarco aproveita muitas fontes hoje perdidas e recolhe material valiosíssimo. Além disso, suas páginas possuem verdadeiro encanto literário. Sua afeição a anedotas e moralidades não extrapola aos limites do bom conto. O traço de seus personagens é expressivo, representando os homens em ação, ou na derrota.*¹⁰

Potencializou o heroísmo grego. Pretende retorno a uma Grécia então em decadência. Com a ação dos homens que biografou, pugnou pela volta a Hélade que já não mais existia. Na opinião de Donaldo Schüller, professor na Universidade do Rio Grande do Sul:

*As vidas de Plutarco apresentam-se, antes de tudo, como exemplos de conduta moral. Pairam dessa forma acima da história, o que não contradiz suas preferências pela filosofia de Platão. Seus exemplos de conduta circulam como reflexo do mundo ideal. O saudosismo o leva a colocar, ao lado da vida dos romanos, vidas da Grécia subjugada, como se quisesse dizer que a fatalidade e não a falta de valor favoreceu os romanos.*¹¹

Plutarco viveu na época de domínio romano, mas é grego até a medula. Rex Warner, professor da Universidade de Connecticut, acentuou tal aspecto, em introdução que preparou para uma edição das obras de Plutarco:

*Seus modelos são enfaticamente gregos. (...). Seus termos de referência são as musas, filosofia, filantropia, além do específico significado grego para palavras como dignidade, autocontrole e virtude.*¹²

As biografias de Plutarco evidenciam opção pelo heroísmo, traduzindo o elitismo de suas origens. Plutarco viveu sem problemas

financeiros (ao contrário de autores posteriores como Camões, Cervantes, Defoe, Dickens) segundo informa Jean Sirinelli, em introdução à edição francesa das “Vidas Paralelas” de Plutarco:

*Ele pertence a uma família de ricos proprietários. A rede de suas relações próximas e distantes, das quais nós temos uma idéia bem clara, são suficientes para demonstrá-lo. Seu modo de vida, sem ser luxuoso, pois que ele mesmo combate o luxo, respira o desafogo.*¹³

Inscribe-se entre os maiores narradores da literatura antiga. Visão panótica, tinha interesses variados. Seus escritos revelam perspectivas enciclopédicas. Nesse passo, a observação de Luiz Carlos Lisboa, para quem:

*Muitas informações que nos chegaram da Antigüidade são devidas à pena de Plutarco, sem a qual estariam perdidas. Os interesses do escritor grego eram os mais variados, indo de superstições antigas a oráculos e cultos esquecidos, passando a problemas do cotidiano como convivência conjugal e questões gramaticais. Mas suas biografias são o que de mais notável produziu, sobretudo graças ao seu talento de narrador, possivelmente o maior da literatura grega.*¹⁴

Plutarco era platônico. Não dissimulava seu flerte com a academia. Convicto da existência de valores universalmente válidos, comungava da concepção platônica do mundo das idéias. É o sentir de Franco Montanari, em coletânea de autores italianos sobre a literatura grega:

*Plutarco era animado de um fundo de platonismo, que poderia bem receber também outros influxos, mas que o levava a polemizar principalmente contra as concessões teológicas do estoicismo e do epicurismo.*¹⁵

As biografias de Plutarco foram muito lidas. Em 1579 publicou-se a tradução inglesa de Sir Thomas North, que fora feita da versão francesa de Amyot.¹⁶ Essa transladação foi apreciada na Inglaterra elizabetana (sobremodo por Shakespeare) e também nos Estados Unidos, onde Plutarco era, ao lado da Bíblia, obra obrigatória nos lares da colônia¹⁷. Assim, primeiramente destacam-se passagens nas biografias de Plutarco, de modo a evidenciar-se o modo apologético como o escritor de Querónia tratara a antigüidade grega, contribuindo para a formação de arquétipos simpatizantes. Demonstrar-se-á também que Plutarco era admirador de Esparta, e que sua biografia de Licurgo deu início a tradição ocidental de

admiração para com o legado espartano. O objetivo é apontar-se Plutarco como um dos principais responsáveis pela concepção ocidental que hiperestima o legado grego.

É esclarecedora a maneira como Plutarco começa a biografar Timoleão:

*Se empreendi a composição dessas biografias foi, de início, para proveito dos outros; mas agora é para mim mesmo que persevero nesse agradável desígnio. A história dos varões ilustres é como um espelho que observo para, de algum modo, tentar regular minha vida conformemente à imagem de suas virtudes. Ocupando-me deles, parece-me estar vivendo com eles. Graças à história, pode-se dizer que os vou recebendo um a um debaixo de meu teto e aí os conservo: 'Como foi grande e belo!' (Homero, *Íliada*, XXIV, 630), exclamo ao considerar cada qual e ao escolher, entre suas ações mais destacadas, as mais dignas de serem conhecidas.¹⁸*

Manifesta a intenção moralizante. Incontestável a apropriação do passado na construção de tábua de valores coerente com suas idiossincrasias. Patente o propósito didático. A tradição ocidental vai assumir como verdadeiros os **topoi** inventariados por Plutarco. Seus biografados ganharão o culto dos posteror; serão os paradigmas dos comportamentos a serem perseguidos.

A influência de Plutarco na tradição ocidental é relevante. Confira-se a seguinte passagem de Otto Maria Carpeaux:

(...) Plutarco cria a biografia, agora já é só o indivíduo que importa. Plutarco é (...) um grande artista da narração. Sabe caracterizar à maravilha, de modo que, de todas as figuras da Antigüidade, só as que ele biografou se transformaram em personagens tão reais como Dom Quixote, Hamlet ou Napoleão. Foi ele quem criou para nós os Coriolanos, Mários, Silas, Catões, Brutos e Marco Antônio. Plutarco sabe narrar como um romancista; sabe interessar e até entusiasmar. Montaigne, Rousseau, Alfieri e Schiller embriagaram-se em Plutarco, e ainda Whittier não encontrou elogios maior para Abraham Lincoln do que compará-lo aos heróis de Plutarco.¹⁹

Carpeaux, escritor nascido em Viena e naturalizado brasileiro, uma das conquistas do Brasil no movimento migratório que marcou a diáspora da segunda guerra mundial, crítico literário e historiador da literatura, reconhece e aponta (criticamente) certo mesmismo em Plutarco:

As biografias de Plutarco, lidas em seguida, são monótonas; o herói parece sempre o mesmo. Isto acontece porque a composição das biografias é determinada por um conceito imutável do homem, do grande homem.²⁰

Concluindo suas apreciações sobre Plutarco, Carpeaux admite vínculo do escritor de Queroneia com a posteridade. É de Carpeaux o passo: *Plutarco legou ao mundo moderno a última atitude do homem grego.²¹*

Plutarco abre suas biografias com Teseu, lendário fundador de Atenas, salvador da cidade, amante de Ariadne, que o ajudara no assassinato do Minotauro, monstro da ilha de Creta, que anualmente exigia rapazes e moças de Atenas, para saciar sua fome.

Conta Plutarco que Teseu,

Em Elêusis, venceu o arcádio Cercião e o matou. Depois, avançando um pouco mais, em Erineu derrotou Damastes, também chamado Procusto, esticando-o até que alcançasse a medida de seus leitos, como o próprio facinora fazia com os estrangeiros.²²

Plutarco veicula o mito de Procusto, que deitava suas vítimas numa cama: se eram maiores que ela, cortava-lhes os pés; se eram menores, esticava-as. É a famosa cama de Procusto. Thomas Bulfinch, em livro de mitologia, vale-se da passagem de Plutarco, e dá sua versão:

Seguiram-se várias lutas semelhantes contra tiranetes e bandidos e em todas Teseu saiu vitorioso. Um dos malfeitores chamava-se Procusto e tinha um leito de ferro no qual costumava amarrar todos os viajantes que lhe caíam nas mãos. Se eram menores que o leito, ele lhes espichava as pernas e, se fossem maiores, cortava a parte que sobrava. Teseu castigou-o, fazendo com ele o que ele fazia com os outros.²³

Plutarco vulgarizou a lenda do fio de Ariadne, novelo com que a donzela ajudara Teseu, que pôde evadir-se do labirinto, após matar o Minotauro. É de Plutarco a passagem:

Narra a maior parte dos escritos em prosa que, ao desembarcar em Creta, Teseu recebeu de Ariadne, que se enamora dele, o famoso novelo de lã e o segredo para se safar dos rodeios do labirinto. Matou então o Minotauro e fez-se novamente à vela, trazendo consigo Ariadne e os companheiros de exílio.²⁴

Gustav Schwab, escritor do romantismo alemão, que nos deixou obra sobre mitologia clássica, narra de sua forma, mas com base em Plutarco:

*Ela [Ariadne] declarou-lhes seu amor e lhe entregou um novelo com um longo fio, cuja ponta ele deveria prender à entrada do labirinto, desenrolando-o à medida que fosse adentrando pelos confusos corredores até alcançar o lugar onde ficava o terrível Minotauro.*²⁵

O fio de Ariadne é apropriado pela tradição ocidental, como o condutor de labirintos. Vê-se na versão cinematográfica de “O Nome da Rosa”. Trata-se da cena descritiva da entrada de Guilherme de Baskerville e de Adso de Merck no labirinto onde encontravam-se os livros do mosteiro, no qual o romance pós-moderno se desenrola.²⁶

Para Plutarco, Teseu é o fundador da grandeza ateniense. Visitou cada casa, família, convencendo da necessidade de se organizar uma pólis.²⁷ É o culto ao fundador da cidade que, na experiência romana posterior, projeta-se em Enéias e em Rômulo, na observação de Fustel de Coulanges.²⁸

Plutarco imputa a Teseu um projeto democrático. No entanto, trata-se de democracia pouquíssimo participativa, excludente do grande contingente habitacional da região, tônica do presente trabalho, que presta-se a desmistificar o conteúdo romântico atinente ao legado helênico. São de Plutarco as seguintes palavras:

*Para engrandecer a cidade ainda mais, convocou a todos prometendo-lhes igualdade de direitos (...). Entretanto, não permitiu que a massa heterogênea que invadia Atenas trouxesse confusão e desordem à democracia. Foi ele o primeiro a dividir os cidadãos em três classes: os nobres (eupátridas), os camponeses (geômoros) e os artesãos (demiurgos). Encarregou os nobres de conhecer das coisas divinas, de fornecer os magistrados, ensinar as leis e zelar pelos costumes profanos e religiosos. Destarte implantou entre as três ordens uma espécie de igualdade, prevalecendo os nobres, pelo que se crê, em dignidade, os camponeses em utilidade e os artesãos em número.*²⁹

Plutarco pretende um Teseu democrata (que promete igualdade de direitos) mas que não aceita a massa, que deve conhecer seu lugar, para que não traga confusão e desordem. A ordem democrática nega a própria democracia. Na construção de Plutarco a democracia tinha como fator determinante o respeito à ordem o que, efetivamente, arrosta a essência da idéia democrática. Em outras palavras, numa

leitura contemporânea, a condição para a existência da democracia é o fim da própria democracia.

Plutarco maquiou um Teseu palatável. O mito freqüentará a literatura ocidental. O Teseu de Plutarco reaparecerá no romanceiro da baixa idade média. Encontra-se no século XII, nos romances de Tebas, de Tróia, de Enéias. No “Romance de Athis e de Prophileas”, atribuído a Alexandre de Bernay. Verifica-se no “Romance da Rosa” (século XIII). Em Dante, desce aos infernos, é evocado a propósito da vitória sobre o Minotauro e do combate contra os Centauros. No século XIV é tema da “Teseida” de Boccaccio, dos “Triunfos” de Petrarca e é citado no “Julgamento do Rei de Navarra”, de Guilherme de Machant. Na Espanha do século XVI aparece num romance de Lorenzo de Sepúlveda e noutro de Sebastian de Horozco. É freqüente em “Fedra”, de Racine.³⁰ Está na peça de Pieter Corneliszoon Hooft, “Teseu e Ariadne”, de 1601. Encontra-se em “Ariadne”, do russo Ivan Gundulic. Está no “Labirinto de Creta”, de Lope de Vega. Encontra-se também em “Os três maiores prodígios”, de Calderón de La Barca. Está na peça “Ariadne” de Thomas Corneske. Está em “Sonhos de uma Noite de Verão”, de William Shakespeare, aliás infatigável leitor de Plutarco. Está nos dramas de F.J. Jüngen, “A viagem de Teseu”, de E. Bacmerster, “Teseu”, de G. Neveux, “A viagem de Teseu”, todos do século XX. Encontra-se em Marguerite Yourcemar, “Quem não tem seu Minotauro?”, de 1963. Reaparece na tragédia de Nikos Kazantzakis, “Teseu”. Está em Mary Renault, em “O Rei deve morrer” e em “O touro do mar”. Informações todas recolhidas em André Peyronie, que também anotou que Hegel sonhava com o aparecimento de um Teseu para realizar a unidade da Alemanha.³¹

Teseu é nome do mais conservado templo da antiga Atenas, originalmente dedicado a Hefaiostos, Deus dos ferreiros. São trinta e quatro colunas, com frisos que destacam as façanhas do herói. Foi transformado em igreja no século VII. Em 1834 alojou a celebração da chegada de Oto, como rei da Grécia; em 1934 lá comemorou-se o centenário da façanha. Hoje o local pode ser visto apenas de fora. Materializa a glória de Teseu, também sentida por Plutarco.

Ao comparar Teseu e Rômulo, aquele, fundador de Atenas, esse, de Roma, Plutarco insiste na tradição democrática que vai contornar o legado grego, e que carece ser desmistificada. Atente-se para o sentido moralista e pedagógico que distingue a obra de Plutarco:

*Teseu e Rômulo nasceram para governar, mas nem um nem outro soube conservar até o fim o caráter de rei. Distanciavam-se, transformaram a realeza, um em democracia, o outro em tirania, incidindo assim no mesmo erro por caminhos contrários. O primeiro dever de um chefe é preservar a autoridade, e, para tanto, deve se abster do que não convém e ligar-se ao que convém. Aquele que afrouxa ou endurece demasiadamente o poder deixa de ser rei e chefe para se tornar degagogo ou déspota: já não inspira mais que ódio e desprezo ao povo. Entretanto, o primeiro desses defeitos parece proceder da mansuetude e da grandeza de alma, e o segundo do egoísmo e da dureza de caráter.*³²

Plutarco fundou longa tradição de culto e respeito a Esparta, a partir de sua biografia de Licurgo. O biografado fora legislador, que dotara Esparta de leis que fundamentavam estado forte, xenófobo, militarista. A cidade ficava na Lacônia. Seus habitantes falavam o estritamente necessário (origem do adjetivo “lacônico”). Viviam em grandes acampamentos, vestiam-se sumariamente, cultivavam o naturalismo. Comiam frugalmente, adestravam-se nos esportes e nas artes marciais.

Plutarco imputava aos egípcios ligação com Esparta, inaugurando tendência de se vincular Grécia e Egito.³³ Assim escreveu:

*Sustentam os egípcios que Licurgo esteve também com eles e, impressionado ao ver os homens de guerra separados das outras classes, transportou essa instituição para Esparta, onde pôs à parte os operários e artesãos, estabelecendo destarte uma constituição verdadeiramente bela e pura.*³⁴

Entusiasta de governo severo e equilibrado, Plutarco festejou em Licurgo a criação do senado. Ressalte-se que, entre nós, senado vem do latim “senex”, palavra que significa “velho”, donde senil e senilidade. A idade mínima para o Senado é de 35 anos (Constituição Federal de 1988, artigo 14, parágrafo 3º, VI, a), o que dá à casa natureza conservadora, tradição que remonta à trajetória romana³⁵, com privilégios de classe³⁶, perdidos porém mais tarde recuperados à época de Augusto³⁷, também verificados nos Estados Unidos³⁸, instituição comentada no Brasil por Celso Ribeiro Bastos³⁹, José Afonso da Silva⁴⁰ e Manoel Gonçalves Ferreira Filho⁴¹, entre outros. Escreveu Plutarco:

Das muitas inovações de Licurgo, a primeira e mais importante foi o estabelecimento do senado – o qual, temperando, segundo a expres-

*são de Platão, o poder hipertrofiado dos reis por um sufrágio igual nas decisões capitais, funcionou como a melhor garantia da salvação do Estado e da moderação do governo.*⁴²

Segundo Plutarco, Licurgo obrigara os espartanos usarem pesadíssimas moedas de ferro, o que teria desestimulado a acumulação, a cobiça, a corrupção. É passagem que fascina leitores mais contemporâneos:

*Quem, com efeito, queria surrupiar, receber em paga de uma prevaricação, sonegar ou roubar esse metal impossível de esconder, cuja posse não era desejável e, mesmo cortado em pedaços, nenhuma utilidade apresentava? (...) A moeda de ferro não tinha curso entre os gregos, que a desprezavam e ironizavam, de sorte que os espartanos não podiam comprar a mais insignificante moeda estrangeira. (...) Navios mercantes não fundeavam em seus portos; não aparecia na Lacedemônia nem orador, nem adivinho charlatão, nem proxeneta, nem fabricante de jóias de ouro ou prata, já que não existia o câmbio. Assim o luxo, despojado pouco a pouco daquilo que o animava e nutria, feneceu por si mesmo.*⁴³

O Licurgo de Plutarco criara leis que regiam sociedade utópica, para nossos padrões. Tomavam regularmente uma sopa preta, feita com carne de porco e molho composto de sangue, vinagre e sal. Confira-se a graça da descrição em Plutarco:

*Depois de beber moderadamente, retiram-se no escuro, pois não lhes é permitido alumiar nem o caminho de casa, nem outro qualquer: cumpre que aprendam a marchar sem medo em meio às trevas e à noite. Tal o regulamento dos repastos tomados em comum.*⁴⁴

Segundo Plutarco, Licurgo criara um modelo pedagógico estimulador da vida ao ar livre e da desconsideração para com qualquer tipo de preconceitos. São sugestivas as seguintes passagens:

*A educação, sendo para ele [Licurgo] a tarefa mais bela e importante do legislador, foi elaborada com o máximo cuidado. (...). Baniu a languidez de uma educação caseira e efeminada, habituou às jovens a aparecerem nuas nas procissões, a dançarem e a cantarem durante as cerimônias religiosas diante dos olhos dos rapazes. (...). A nudez das moças nada tinha de desonesto, pois o pudor as acompanhava e delas estava ausente toda e qualquer libertinagem.*⁴⁵

A sociedade espartana, segundo Plutarco, orientava-se para a eugenia, tema da contemporaneidade. Hoje, manipula-se a genética

com vistas à obtenção de raça melhorada, tema da mais alta relevância nos domínios da bioética. A questão racista é recorrente no Licurgo de Plutarco, o que explica o fascínio que a vida na Lacônia exercera sobre Hitler e seus teóricos, como Arthur Rosenberg. Escrevera Plutarco:

Depois de imprimir ao matrimônio a ordem e o pudor, empenhou-se em afastar dele o ciúme, sentimento vão e muito pouco viril. Decidiu banir completamente do casamento a violência e a confusão, permitindo aos que eram dignos terem filhos em comum. Ria daqueles que, fazendo do casamento uma sociedade fechada impermeável à partilha, querem vingar a violação desse princípio com pancadarias e morticínios. Era facultado ao idoso marido de uma mulher jovem apresentar-lhe um rapaz bem-nascido, que ele amasse e estimasse, e permitir-lhe possuí-la para ganhar um filho de sangue generoso, que consideraria como seu próprio.⁴⁶

Plutarco concebeu supostas origens e características de Atenas e de Esparta, referenciais conceituais do mundo grego. Atenas assume papel democrático, Esparta uma função autocrática. A historiografia convencional dos tempos da guerra fria vinculava Atenas aos Estados Unidos e Esparta à Rússia. Em ambos os casos, e para vários propósitos, Plutarco oferece farta messe de exemplos. As figuras que caracterizou primam pela simpatia, pelo exemplo, pelo vínculo com a vida pública. Assim, o artigo conclui que Plutarco oxigenou a formatação do legado romântico da Grécia Clássica, na medida em recolheu façanhas e biografias que constroem arquétipos simpatizantes.

Referências

- BASTOS, Celso Ribeiro. *Curso de Direito Constitucional*. São Paulo: Saraiva, 1990.
- BLOCH, Marc. *Introdução à História*. Sintra: Europa-América, s.d. Tradução de Maria Manuel e Rui Grácio.
- BOWRA, C.M., *História de la Literatura Griega*. México: Fondo de Cultura Económica, 1983. Tradução de Alfonso Reyes.
- BULFINCH, Thomas. *O Livro de Ouro da Mitologia*. Rio de Janeiro: Ediouro, 1999. Tradução de David Jardim Júnior.
- CARPEAUX, Otto Maria. *História da Literatura Ocidental*. Rio de Janeiro: O Cruzeiro, 1959.

- CARR, Edward Hallet. *O que é história?* Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1996. Tradução de Lúcia Maurício de Alverga.
- COLLINGWOOD, R.G. *The Principles of History*. Oxford: Oxford University Press, 2001.
- ECO, Umberto. *O Nome da Rosa*. Rio de Janeiro: Record, 1986. Tradução de aurora Fornoni Bernardini e Homero Freitas de Andrade.
- FERREIRA FILHO, Manoel Gonçalves. *Curso de Direito Constitucional*. São Paulo: Saraiva, 1990.
- FOUCAULT, Michel. *A Arqueologia do Saber*. São Paulo: Forense Universitária, 2000. Tradução de Luiz Felipe Baeta Neves.
- FUSTEL DE COULANGES, Numa Denis. *A Cidade Antiga* São Paulo: Hemus, 1975. Tradução de Jonas Camargo Leite e Eduardo Fonseca.
- GUARINO, Antonio (org.). *Dizionario Giuridico Romano*. Napoli: Edizione Giuridiche Simone, 2000.
- HARVEY, Paul. *Dicionário Oxford de Literatura Clássica*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1987. Tradução de Mário da Gama Kury.
- HEINEMAN, Robert A., PETERSON, Steven A. e RASMUSSEN, Thomas H.. *American Government*. New York: Mc Graw-Hill Book Company, 1988.
- LISBOA, Luiz Carlos. *Pequeno Guia da Literatura Universal*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1986.
- LOPES, José Reinaldo de Lima. *O Direito na História – Lições Introdutórias*. São Paulo: Max Limonad, 2000.
- MANCINI, Augusto. *História da Literatura Grega*. Lisboa: Estúdios Cor, s.d. Tradução de Giacinto Manuppella.
- MOMMSEN, Theodor. *Disegno del Diritto Pubblico Romano*. Milano: Celuc, 1973. Tradução de P. Bonfante.
- PEZZA, L. (Org.). *Storia del Diritto Romano*. Roma: Concorsi per tutti, 1991.
- PLINVAL, G. de. *Histoire de la Litterature Française*. Paris: Hachette, 1930.
- PLUTARCO. *Vidas Paralelas*. São Paulo: Paumape, 1991. Tradução de Gilson César Cardoso.
- ROBERTS, Jennifer Tolbert. *Athens on Trial*. New Jersey: Princeton University Press, 1994.
- SCHAFF, Adam. *História e Verdade*. São Paulo: Martins Fontes, 1995. Tradução de Maria Paula Duarte.
- SCHÜLER, Donaldo, *Literatura Grega*. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1985.
- SCHÜLER, Donaldo, *Literatura Grega*. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1985.
- SCHWAB, Gustav. *As Mais Belas Histórias da Mitologia Clássica*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1994. Tradução de Luís Krausz.

SILVA, José Afonso da. *Curso de Direito constitucional Positivo*. São Paulo: Malheiros, 1995.

WOLKMER, *História do Direito no Brasil*. Rio de Janeiro: Forense, 2000.

Notas

- 1 A expressão é de R.G. Collingwood, *The Principle of History*, pág. 79.
- 2 José Reinaldo de Lima Lopes, *O Direito na História*, pág. 18.
- 3 Edward Hallet Carr, *O que é História?* pág. 63.
- 4 Adam Schaff, *História e Verdade*, pág. 119.
- 5 Michel Foucault, *A Arqueologia do Saber*, pág. 35 e ss.
- 6 Marc Bloch, *Introdução à História*, pág. 61.
- 7 Antonio Carlos Wolkmer, *História do Direito no Brasil*, pág. 19.
- 8 Paul Harvey, *Dicionário Oxford de Literatura Clássica*, pág. 405.
- 9 Augusto Mancini, *História da Literatura Grega*, págs. 244 e 245.
- 10 C.M.Bowra, *História de la Literatura Griega*, pág. 189. Tradução livre do autor.
(...) Plutarco aprovecha muchas fuentes hoy perdidas, y junta un material valiosísimo. Además, estas páginas poseen verdadero encanto literário. Su afición a las anécdotas y moralidades nunca rebasa los limites del buen cuento. El trazo de los personajes es expresivo, sobre todo cuando presenta a los hombres en plena acción o en la derrota.
- 11 Donaldo Schüller, *Literatura Grega*, págs. 154 e 155.
- 12 Rex Warner, *Introdução a Plutarco*, Moralia, pág. 10. Tradução livre do autor.
His standards are emphatically Greek. (...). His terms of reference are the muses, philosophy, "philanthropy", and the specifically Greek meanings of such words as dignity, self-control and virtue".
- 13 Jean Sirinelli, *Introdução a Plutarco*, Vies Parallèles, págs. 6 e 7. Tradução livre do autor.
Il appartient à une famille de riches propriétaires. Le réseau de ses relations proches et lointaines, dont nous avons une idée assez claire, suffit à le démontrer. Son train de vie, sans être luxueux, puisque lui-même proscrit le luxe, respire l'aisance.
- 14 Luiz Carlos Lisboa, *Pequeno Guia da Literatura Universal*, pág. 324.
- 15 Franco Montari, *La Letteratura Greca Pagana di Età Imperiale*, artigo, in *Storia della Letteratura Greca*, pág. 81. Tradução livre do autor. *Plutarco era animato da un fondo di platonismo, che poteva bem accogliere anche altri influssi, ma lo portava a polemizzare soprattutto com le concezioni teologiche dello Stoicismo e dell'Epicureismo.*

- 16 Paul Harvey, *Dicionário Oxford de Literatura Clássica*, págs. 404 e 405.
- 17 Jennifer Tolbert Roberts, *Athens on Trial*, pág. 118.
- 18 Plutarco, *Vidas Paralelas*, Vol. II, pág. 91.
- 19 Otto Maria Carpeaux, *História da Literatura Ocidental*, pág. 106.
- 20 Otto Maria Carpeaux, op. cit., loc. cit.
- 21 Id. Ibid., loc. cit.
- 22 Plutarco, *Vidas Paralelas*, Vol. 1, pág. 25.
- 23 Thomas Bulfinch, *O Livro de Ouro da Mitologia*, pág. 187.
- 24 Plutarco, Op. cit., pág. 31.
- 25 Gustav Schwab, *As Mais Belas Histórias da Antigüidade Clássica*, pág. 255.
- 26 Umberto Eco, *O Nome da Rosa*, pág. 190 e ss.
- 27 Plutarco, Op. cit., pág. 37.
- 28 Fustel de Coulanges, *A Cidade Antiga*, pág. 113.
- 29 Plutarco, Op. cit. pág. 38.
- 30 G. de Plinval, *Histoire de la Litterature Française*, pág. 90.
- 31 André Peyronie, Teseu, in: *Dicionário de Mitos Literários*, págs. 866 e ss.
- 32 Plutarco, Op. cit., pág. 89.
- 33 Essa suposição será desenvolvida no século XX por Martin Bernal em *Black Athena, the Afroasiatic Roots of Classical Civilization* e será mais tarde pormenorizadamente apreciada nesse trabalho.
- 34 Plutarco, Op. cit., Vol. 1, pág. 97.
- 35 Antonio Guarino, *Dizionario Giuridico Romano*, pág. 451 e ss e Eric Hobsbawm, *Sobre História*, pág. 37.
- 36 Theodor Mommsen, *Disegno del Diritto Pubblico Romano*, pág. 64 e ss.
- 37 L. Pezza, *Storia del Diritto Romano*, pág. 253.
- 38 Robert Heineman, Steven Peterson e Thomas H. Rasmussen, *American Government*, pág. 177 e ss.
- 39 Celso Ribeiro Bastos, *Curso de Direito Constitucional*, pág. 305 e ss.
- 40 José Afonso da Silva, *Curso de Direito Constitucional Positivo*, pág. 484.
- 41 Manoel Gonçalves Ferreira Filho, *Curso de Direito Constitucional*, pág. 150 e ss.
- 42 Plutarco, Op. cit., pág. 99.
- 43 Id. Ibid., pág. 103.
- 44 Id. Ibid., pág. 107.
- 45 Id. Ibid., pág. 109.
- 46 Id. Ibid., pág. 111.